O ENSINO DE GRAMÁTICA NA ESCOLA A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA FUNCIONALISTA

Izabel Cristina Xavier Rosa Kaadi [1]

GT 8 – Docência de língua portuguesa na educação básica

Resumo

No meio educacional, ainda são muito recorrentes questionamentos e insatisfação por parte do grupo de educadores diante do desinteresse e consequente fracasso de muitos alunos, principalmente no que tange ao processo de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita. E um dos fatores que contribuem para esse fracasso é o modo como a escola ainda prioriza um ensino de gramática centrado em questões descontextualizadas por meio da produção de frases soltas com nenhum significado para os alunos. Em contraposição a esse modelo de ensino, esse trabalho pretende estimular nos professores uma visão mais crítica acerca dessas práticas pedagógicas ainda tão recorrentes no meio educacional, conscientizando-os da importância de rever o atual tratamento dado ao estudo da Língua Portuguesa, buscando, assim, um ensino mais eficaz, em que o estudo da língua aconteça de forma mais contextualizada, a partir das situações reais de uso, ou seja, considerando a interação entre os sujeitos e suas relações nos diferentes processos que envolvem a linguagem. Assim, o presente trabalho teve por objetivo analisar uma aula de Língua Portuguesa em uma turma de 5º ano de uma escola do município de Aparecida de Goiânia no intuito de identificar a perspectiva de ensino predominante na prática da professora regente dessa turma no que diz respeito ao estudo da língua. E a partir dessa análise, propor uma reflexão sobre as contribuições advindas do funcionalismo para uma prática mais contextualizada do ensino de língua na escola e, desse modo, proporcionar aos professores e professoras que atuam nessa etapa subsídios teórico-metodológicos que lhes possibilitem repensar o ensino de língua de uma maneira mais eficaz, levando em conta as situações reais de uso da linguagem nos diferentes processos de comunicação.

Palavras-chave: Linguagem. Ensino. Gramática. Funcionalismo.

Introdução

Esse estudo apresenta os resultados de uma análise de uma aula de Língua Portuguesa em uma turma de 5º ano de uma escola municipal de Aparecida de Goiânia. Dentre os objetivos dessa análise, destacamos a importância de evidenciarmos a perspectiva de ensino,

1Mestranda em Ensino na Educação Básica pela UFG. Professora na Rede Municipal de Educação de Goiânia e Aparecida de Goiânia/Go. E-mail: belcris007@hotmail.com

bem como a concepção de língua predominante na prática da professora regente. Objetiva-se ainda, provocar uma reflexão sobre as contribuições advindas do funcionalismo para uma prática mais dinâmica, interativa e contextualizada do ensino de língua na escola.

Ainda hoje, no contexto educacional, não é incomum nos depararmos com questionamentos do tipo:

> (...) o que há com a escola? O que há com as aulas de Português? O que estão ensinando os professores? E mais do que depressa surgem respostas que lembram a rapidez com que se passa adiante "a caixinha de surpresas" para que outro a abra e execute a insípida tarefa (GERALDI, 2015, p. 33).

Segundo Antunes (2014), o que mais caracteriza esse fracasso é o modo como a escola ainda prioriza um ensino de gramática centrado em atividades descontextualizadas, com base na produção aleatória de frases com nenhum significado para os alunos. A autora destaca "Enfim: a língua em uso está fora dessas atividades da escola; por isso mesmo, essa língua não provoca interesse e, muito menos, entusiasmo e admiração" (ANTUNES, 2014, p. 82). Ressalta ainda a importância da interação verbal na construção de textos que realmente sejam significativos para os alunos, o que, para ela vai muito além da mera exploração de frases, pois não basta aprender as classes gramaticais se o aluno não for capacitado para refletir sobre o uso da língua, sua finalidade e sobre o contexto de sua produção. Em síntese, "Produzir linguagem é expressar sentidos, é expressar intenções; é viver uma experiência de interação, reciprocamente compartilhada" (ANTUNES, 2014, p.84). Contrapondo-se a esse modelo tradicional de ensino, iremos considerar a concepção de língua defendida por Furtado da Cunha e Tavares (2016, p. 14).

> A concepção por nós defendida é a de língua enquanto atividade social enraizada no uso comunicativo diário e por ele configurada. A língua é determinada pelas situações de comunicação real em que falantes reais interagem e, portanto, seu estudo não pode se resumir à análise de sua forma, já que essa forma está relacionada a um significado e a serviço do propósito pelo qual é utilizada, o que depende de cada contexto específico de interação.

Antunes (2014, p. 31) ressalta que, "A aprendizagem que, pouco a pouco uma criança faz da língua de seu grupo, é na verdade, a apreensão das particularidades gramaticais

e lexicais dessa língua". Portanto, defende que a gramática faz parte da atividade discursiva, sendo necessária em qualquer atividade verbal. No entanto, afirma que a gramática é apenas um dos componentes da atividade discursiva. "O que significa dizer que, se é verdade que não falamos sem gramática, também é fato que não falamos apenas com gramática" (ANTUNES, 2014, p. 32). Ressalta que o aprendizado dela deve ir além dos aspectos linguísticos, conferindo à linguagem um papel primordial na interação entre os sujeitos. Para tanto, defende uma gramática contextualizada a partir da análise linguística textual: "Somente no curso dos textos é que podemos ver as funções das categorias gramaticais na produção do sentido e das intenções que se pretende expressar" (ANTUNES, 2014, p. 86). Nessa mesma perspectiva, Neves (1994, p. 113) destaca que, a gramática funcional considera "... a capacidade que os indivíduos têm não apenas de codificar e decodificar expressões, mas também de usar e interpretar essas expressões de uma maneira interacionalmente satisfatória."

Desenvolvimento

Partimos do pressuposto de que, de modo geral, o processo de ensino e aprendizagem nas escolas ainda se baseia a transmissão e repetição de conteúdos, tornando o ensino um grande fardo tanto para os alunos quanto para os professores. No que se refere ao estudo da Língua Portuguesa na escola, a situação não é diferente. Os aspectos de maior relevância giram em torno do conjunto de regras da gramática normativa, desconsiderando, desse modo, o verdadeiro sentido e funcionalidade da língua. Como nos alerta Geraldi (2015, p. 57), "O ensino e aprendizagem da gramática têm sido tradicionalmente entendidos como caminho de correção da expressão linguística dos educandos (...)", pressupondo-se que o domínio das estruturas linguisticas, bem como o conhecimento de algumas normas de combinação de recursos expressivos, iria gradativamente capacitar o aluno para usar a linguagem de forma mais eficiente, o que, segundo Geraldi (2015), vem desde a década de 1980, sendo considerado um equívoco por diferentes estudiosos da língua.

A perspectiva de estudo proposta nesse trabalho tem por base a noção de língua defendida pelo funcionalismo. Neves (1994) salienta que falar de funcionalismo não é tarefa fácil, o que requer certa cautela devido aos diferentes modelos existentes originados dessa

corrente de pensamento. Por isso, nesse trabalho, focaremos no que há de comum entre as diversas teorias funcionalistas.

> Um bom modo de sintetizar o pensamento básico das teorias funcionalistas é lembrar Martinet (1978), que aponta, como objeto da verdadeira lingüística, a determinação do modo como as pessoas conseguem comunicar-se pela língua. Qualquer abordagem funcionalista de uma língua natural, na verdade, tem como questão básica de interesse a verificação de como se obtém a comunicação com essa língua, isto é, a verificação do modo como os usuários da língua se comunicam eficientemente. Todo o tratamento funcionalista de uma língua natural põe sob exame, pois, a competência comunicativa (NEVES, 1994, p. 109).

Para Neves (1994), o ensino da gramática não deve estar dissociado do contexto de uso, do pensar.

Diante disso, a análise da aula em questão pautou-se nos seguintes questionamentos:

- Qual a concepção de língua presente no trabalho com os alunos?
- Qual foi o conteúdo abordado na aula?
- Como a aula foi construída?
- O que norteia o planejamento nas aulas de Língua Portuguesa?
- Quais as dificuldades vivenciadas no processo de ensino e aprendizagem quanto ao ensino da linguagem?

De posse da análise e reflexão em torno das questões apontadas, pretende-se com esse trabalho provocar nos professores e demais profissionais envolvidos nesse processo uma postura mais crítica sobre o papel da escola em relação ao ensino da língua materna, de modo a possibilitar que os alunos tenham a oportunidade de vivenciar a linguagem de forma mais abrangente e interativa, pois o modelo tradicional de ensino ainda predominante nas escolas já não contempla os anseios e necessidades do atual contexto sócio-histórico em que estamos inseridos, pois

> ...a participação das pessoas na vida da sociedade exige mais: querem o desenvolvimento de habilidades e competências comunicativas que apenas se efetivam em textos, de diferentes gêneros e funções, expressos ou impressos numa multiplicidade de suportes que, inclusivamente, a tecnologia hoje disponibiliza (ANTUNES, 2014, p. 87)

Durante a análise da aula, procurei observar primeiramente qual a concepção de língua norteadora do trabalho da professora. A proposta da aula em questão tratava-se do estudo do "gênero propaganda". Vale ressaltar que uma aula talvez não seja suficiente para uma compreensão mais aprofundada sobre a concepção de língua, bem como o método utilizado pela professora, mas podemos destacar alguns pontos interessantes que nos dão pistas quanto a esses aspectos. Percebi que a oralidade teve um peso importante. Houve de fato um debate em que os alunos tiveram a oportunidade de expressar suas ideias sobre os textos publicitários trazidos para a aula.

Furtado da Cunha e Tavares (2016, p. 17) destacam a importância da oralidade e o modo como ela vem sendo negligenciada nas salas de aula, afirmando que, muitas vezes, "a oralidade continua recebendo um *status* inferior, continua sendo considerada o espaço privilegiado dos 'erros' e 'defeitos' da língua, de modo que muitos dos desvios na escrita são analisados como transferências indevidas da fala".

Segundo as autoras, é preciso abrir mão do preconceito e considerar as variedades linguísticas como mais uma categoria de análise da língua, levando os alunos a refletirem sobre seus usos nos diversos eventos comunicativos, assumindo uma postura de respeito diante das diferenças. Nesse sentido, cabe à escola promover atividades que contemplem as variedades linguísticas, de modo que os alunos possam perceber a adequação de determinados conceitos nos contextos reais de uso da linguagem. Para Geraldi (1999, p. 69), "(...) a noção de erro não é questão linguística estrita, mas deriva da eleição social de uma das variedades como a certa. Não por acaso, esta variedade é aquela falada pelo grupo social que detém o poder (econômico, político, social)." Para o autor, não se trata, pois, de substituir uma variedade linguística, valorizando uma em detrimento da outra. Trata-se de construir novas possibilidades de interação entre professores, alunos e sua herança cultural, construindo assim a linguagem da cidadania.

Retomando o contexto da aula analisada, podemos destacar a concepção de língua da professora, que a considera como uma forma de interação social. Pôde-se notar que ela não trouxe respostas prontas, optando por considerar o conhecimento prévio dos seus alunos e construir com eles compreensão do "gênero propaganda" a partir da análise e discussão dos

elementos diversos que compõem esse gênero textual. Isso ficou bem claro ao observar um mural com propagandas diversas (um trabalho de pesquisa) construído pela turma. Durante o debate com o grupo, a professora ia retomando e destacando no mural e no quadro branco os elementos que compõem esse gênero. Segue abaixo um fragmento do planejamento da professora:

> **Português:** Gênero: Propaganda. Trazer para a sala de aula revistas e jornais para análise e comparação dos recursos empregados nas propagandas em geral.
> **Objetivo:** Estimular a compreensão dos recursos da linguagem não verbal presentes em diferentes propagandas: cores, disposição das imagens, fotos, ilustrações, tipos de letra, direcionamento aos diferentes públicos, intenções, destaque de qualidades e vantagens, modos criativos de apresentar o produto. (Aula proposta no dia 17/10/2016)

Durante as intervenções da professora, percebe-se que ela procura incentivar a reflexão da turma, mesmo diante das dificuldades de muitos alunos para compreender a proposta. Outro aspecto interessante diz respeito ao modo como a professora foi conduzindo a discussão e, aos poucos, levando os alunos a refletir sobre o caráter ideológico da língua e sobre a importância de nos posicionarmos criticamente diante das propagandas. Sobre a postura do professor como mediador do processo de compreensão e apropriação dos gêneros textuais, Karwoski (2011, p. 71) ressalta que,

> Cabe ao professor criar condições para que os alunos possam apropriar-se de características discursivas e linguísticas de gêneros diversos, em situações de comunicação real. Isso pode ser feito com muita eficiência por meio de projetos pedagógicos que visem ao conhecimento, à leitura e à discussão sobre o uso e as funções sociais dos gêneros escolhidos e, quando pertinente, a sua produção escrita e circulação social.

Por meio do diálogo e observação do planejamento da professora, foi possível notar que a explanação em torno do "gênero propaganda" se daria em vários momentos e que esse conteúdo foi abordado de forma interdisciplinar, procurando englobar questões relacionadas ao consumismo e à sustentabilidade, levando em conta as vivências e o cotidiano dos alunos.

Esses dados revelam uma preocupação da professora com uma função primordial da língua, a comunicação, sendo esta visão de ensino uma característica da linguística funcional,

pois, de acordo com Furtado da Cunha e Tavares (2016, p. 38),

> A abordagem funcionalista argumenta a favor de uma lingüística baseada no uso, considerando a língua do ponto de vista do contexto lingüístico e da situação extra-lingüística. Acolhe a hipótese de que a linguagem se adapta às necessidades de comunicação dos seus usuários e as gramáticas refletem essas adaptações.

Como afirmei anteriormente, a observação de uma aula talvez seja insuficiente para atingir os objetivos propostos nesse estudo. Por isso, procurei conhecer melhor a metodologia de trabalho da professora por meio de um questionário e análise do seu plano de aula. Ao questionar sobre como se dá o trabalho com a gramática, ela informou que esta é pouca enfatizada, mas que procura trabalhá-la de forma contextualizada por meio das produções textuais. Nota-se que o trabalho de produção escrita a partir do estudo dos gêneros textuais diversos está sempre presente no planejamento de suas aulas. Porém, segundo a professora, muitos alunos se recusam a discutir o assunto, a construir a aprendizagem. Em relação à proposta de trabalho do livro didático, a professora ressaltou que alguns livros usam uma linguagem fora do padrão de aprendizagem dos alunos, abordando muitas vezes questões muito complexas e confusas para esse nível de ensino. Além desses fatores, a falta de interesse e compromisso de muitos alunos, falta de acompanhamento familiar, bem como o alto nível de dificuldades com o qual muitos deles chegam ao 5º ano, foram outros problemas apontados pela professora.

Souza (2010) afirma que a má seleção de textos dos manuais didáticos está relacionada ao descaso com que é tratada a literatura infantil na escola. Critica ainda o mau uso dos textos literários, que, muitas vezes, são utilizados apenas como pretexto para o estudo da gramática, ou são trabalhadas questões pouco relevantes para o leitor. Segundo a autora, é necessário levar os alunos à compreensão do texto literário, de modo que isso o ajude a compreender as relações entre os homens e a sociedade. Sobre a utilidade dos manuais didáticos, afirma: “Examinados em seu conteúdo, esses manuais estão muito aquém de entender as necessidades de leitura dos alunos em qualquer etapa da educação básica” (SOUZA, 2010, p. 81). Antunes destaca a importância da escola no que diz respeito à iniciação e ao estímulo no gosto pela literatura, sendo esta instituição a principal responsável

em promover o contato das pessoas com obras da literatura, sejam elas antigas ou atuais. Porém, nos faz o seguinte questionamento: "É possível fazer isso com o 'arremedo' de frases soltas, artificialmente criadas só para exemplificar as classificações das categorias gramaticais?" (ANTUNES, 2014, p. 87).

Considerações finais

Com esse trabalho, procuramos evidenciar o modo como o ensino de língua tem sido realizado no 5º ano do ensino fundamental na rede municipal de Aparecida de Goiânia. Em uma breve revisão bibliográfica, constatamos que os problemas em torno da questão são inúmeros, desde a concepção de ensino, de língua até a adoção de metodologias inadequadas pautadas na ideia de transmissão/repetição de conteúdos e não na construção de sentidos.

A partir da análise realizada, percebemos que os professores começam a refletir sobre sua prática pedagógica priorizando mais os processos interacionais na construção do conhecimento. Porém, a efetivação de um ensino mais qualitativo ainda enfrenta grandes desafios. Faz-se necessário rever o atual tratamento dado ao ensino de língua, tanto na formação inicial quanto na continuada, abrindo espaços para maior discussão em torno do currículo no qual se baseiam as eventuais propostas de ensino da língua materna. E isso requer uma política séria e compromissada com a educação, além do compromisso por parte dos docentes de se abrirem às novas possibilidades de trabalho com a língua, encarando-a sem medo, pois o modo como a gramática vem sendo abordada tem contribuído apenas para negligenciar criatividade do aluno. Faz-se necessário uma análise mais apurada do livro didático, pois, desde que não sirva para engessar o ensino, este pode ser um recurso interessante para o trabalho do professor.

É preciso romper com as incertezas em torno do ensino da gramática, em que muitos professores se veem tão perdidos que chegam a pensar na possibilidade de abolir a gramática de seus planos de ensino. Porém, segundo Antunes (2014), a gramática é necessária, mas insuficiente. Cabe, pois, à escola repensar seu ensino, de modo a lidar com a linguagem numa perspectiva mais funcional, a partir da reflexão sobre o seu uso nos diversos processos de

comunicação. É preciso propor atividades que possibilitem aos alunos vivenciar a linguagem de forma mais dinâmica, a partir do contato com diferentes suportes textuais, capacitando-os a fazer as devidas escolhas em um evento comunicativo.

Referências

ANTUNES, Irandé. **Gramática contextualizada: limpando "o pó" das ideias simples**- 1ª ed.- São Paulo: Parábola editorial, 2014.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; TAVARES, Maria Alice. (Org.) **Funcionalismo e ensino de gramática.** [Recurso eletrônico]- 1ª ed.- Natal, RN: EDUFRN, 2016. 223 p. : PDF;1,6 MB
Modo de acesso: <www. Edufrn.ufrn.br> ISBN 978-85-425-0632-7

GERALDI, J. W. **Linguagem e ensino**. Campinas: Mercado das Letras, 1999.
_____ **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2015.

KARWOSKI, A. M. et al (Orgs.). **Gêneros Textuais:** reflexões e ensino. São Paulo: Parábola, 2011.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Uma visão geral da gramática funcional.** Alfa, São Paulo, v. 38, p. 109-127, 1994.

SOUZA, Ana A. Arguelho de. **Literatura infantil na escola: a leitura em sala de aula.** Campinas, SP: Autores Associados, 2010.